

# *Jornada de Estudos Memória, Património e Devir entre futuros passados e tempos inéditos*

**Lisboa, FCSH-NOVA, 20 de Abril, Sala Multiusos 2.**

## **PROGRAMA:**

### **09.00h - Abertura**

#### **1. Usos do património, tempo longo e presentismos**

09h20 - *Expropriados de Sines: Memórias de um “tempo longo”, tudo pelo “bem da nação”*, Dina Nunes.  
09h40 - *Estudar a relação com a natureza e o ambiente num contexto de pesca*, Adelina Domingues, CRIA.  
10h00 - *Festas de São Sebastião em Barroso*, João Carlos Azenha da Rocha, Ecomuseu do Barroso.  
10h20 - *Estudantinas: práticas culturais contra-hegemónicas na “sociedade do espetáculo”*, Dulce Simões, INET-md.  
10h40 - Debate.  
11h00 - Café.

#### **2. Memórias, ditaduras e classes**

11h20 - *A guerra civil na Galiza a través dos ollos dos habitantes doutra marxe do Miño*, Natalia Jorge, Universidade de Santiago de Compostela.  
11h40 - *Mas eles Conceição vão lamber as botas comer à mão: experiências prisionais das funcionárias clandestinas do PCP*, Vanessa de Almeida, IHC.  
12h00 - *Memória operária e ambiguidades de classe no Vale do Ave: algumas pistas para reflexão*, Mariana Rei, IHC.  
12h20 - Debate.  
12h40 - Almoço.

#### **3. Usos do passado, caminhos do futuro: um terraço para outra coisa ainda**

13h40 - *Cidade e Memória*, Maria Alice Samara, IHC.  
14h00 - *Património(s) em disputa: Uma reflexão desde o terreno sobre a revalorização do passado fadista do bairro da Mouraria*, Iñigo Sánchez, INET-md.  
14h20 - *O futuro à espreita ou os territórios urgentes para uma prática social*, João Carlos Louçã, IHC.  
14h40 - *Experiência, expectativa e práticas possíveis: entre o passado e o futuro*, Paula Godinho, IHC.  
15h00 - Debate.

#### **4. Redes, movimentos sociais e os tempos inéditos**

15h20 - *Reconfigurações das redes sociais translocais ao longo das trajetórias migratórias*, João Baía, ICS-UL.  
15h40 - *Resgatar a democracia? A emergência e declínio de novas redes de protesto em Portugal*, Alexandre Costa.  
16h00 - Debate.  
16h20 - Café.  
16h40 - Filme: “Nós, operárias da Sogantal”, de Nadejda Tilhou (com a presença da realizadora).  
17h40 - Debate.  
18h00 - Encerramento.

---

## **Resumos**

***Expropriados de Sines: Memórias de um “tempo longo”, tudo pelo “bem da nação”, Dina Nunes.***

Entre 1969 e 1973 o poder central lança o IV Plano de Fomento, através do qual se projetam infra-estruturas em áreas de interesse económico. É neste contexto que o estado decide intervir em Sines com um modelo de desenvolvimento que altera substancialmente os modos de vida da população. Expropria e exclui com o intuito de executar grandes obras, beneficiando, fundamentalmente os grandes grupos monopolistas nacionais e internacionais e esquecendo os interesses da região e das pessoas que nela vivem. Para toda esta gente, resta-lhes hoje a memória social de uma experiência traumática, de perda, que os marcou profundamente, fazendo com que o passado se tornasse presente na memória de cada um que viveu e sentiu de perto a mão de um Estado imponente, autoritário e esmagador.

***Estudar a relação com a natureza e o ambiente num contexto de pesca, Adelina Domingues, CRIA.***

Breve apresentação de projeto de pesquisa sobre a inter-relação das especificidades ambientais e territoriais e a ação humana. Este estudo estrutura-se em dois eixos temáticos, articulados pela pesca, a saber: a ação de grupos, que informe sobre práticas e percursos num território, convocando as noções de agencialidade (Ortner, 2006), do local (Appadurai, 1996) e de resistência (Scott, 2002 e 2013); e as interações dos seres humanos com o ambiente e a natureza (Ingold, 2000 e Milton, 2002), indagando sobre modos de se relacionar, perceber e agir com a natureza. Através de uma etnografia junto de grupos de pescadores do Seixal, esta pesquisa pretende aferir as perspetivas de grupos locais de proximidade e interação com o ambiente, analisando a realidade presente e de um passado recente através das memórias sobre percursos de vida, sobre o trabalho no meio marítimo e fluvial, sobre práticas, percepções e perspetivas de indivíduos, famílias e grupos de pescadores.

***Festas de São Sebastião em Barroso, João Carlos Azenha da Rocha, Ecomuseu do Barroso.***

Este projecto de tese visa contribuir para a reflexão acerca das festividades religiosas populares, a partir da análise e interpretação das marcas de continuidade, rejuvenescimento e renovação, nas festas de São Sebastião em Barroso. Será dado destaque ao dia 20 de janeiro no calendário dos rituais festivos de inverno, à dádiva de alimentos sacralizados e ao cerimonial em que se insere, num ciclo iniciado com a matança do porco e que termina com o Carnaval. Momento de circulação ampliada de relações sociais, entre a intimidade vicinal e a turistificação (dádiva vs. mercantilização). Com o aprofundamento da pesquisa, partindo do particular e evitando leituras essencialistas, valorizando os relatos dos actores sociais, procurarei perceber o que significa a festa hoje, para as comunidades e os grupos que nela se envolvem.

***Estudantinas: práticas culturais contra-hegemónicas na “sociedade do espectáculo”, Dulce Simões, INET-md.***

A sociedade contemporânea, apesar de cultivar religiosamente o passado, perdeu a capacidade de conhecê-lo, ao viver o “presente perpétuo” (Debord, 1995: 80) de um quotidiano marcado pela superficialidade de conceitos e valores, pelo carácter descartável das suas recriações, e pelo estímulo consumista. A “sociedade do espectáculo” (Debord, 1995) do consumo e da fragmentação representa a negação da própria humanidade na procura da felicidade, por meio da destruição da liberdade de escolha, totalmente preenchida no imaginário pela satisfação garantida, a partir de um real fabricado e de um mundo saturado de imagens. O debate que proponho situa-se na diversidade cultural proporcionada pela interacção global entre a cultura mediática, como parte decisiva da hegemonia política, e as práticas culturais contra-hegemónicas preservadas pelas comunidades, como possibilidades alternativas ao futuro das sociedades. Desta forma, trago à discussão as festas carnavalescas na Amareleja (Baixo Alentejo), designadas por estudantinas (ou danças carnavalescas), como práticas culturais que surgem da espontaneidade e criatividade de grupos não institucionalizados nem mediatizados. Estes agrupamentos afirmam-se como protagonistas intemporais de um passado que aspira ao futuro e à transformação da sociedade, por meio da linguagem do corpo, do discurso de resistência à versão oficial do mundo, do espírito ambivalente e regenerador, da alegria e da abundância na celebração da vida colectiva. Os participantes, de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias, estão vinculados entre si por laços de parentesco, de vizinhança e de amizade, e criam um repertório caracterizado por temáticas contestatárias, que articulam as problemáticas reais da comunidade local com as imagens globais da “sociedade do espectáculo”. No contexto socio-político contemporâneo os políticos e as figuras mediáticas são destituídas das suas funções e posições sociais, para surgirem em situações que desafiam o riso colectivo, ambivalente e universal, que nega e afirma o permitido, o proibido, a censura e o excesso. Esta “transgressão” temporária, que não altera a ordem nem as desigualdades sociais, aspira a instaurar a verdade no mundo, ao partilhar colectivamente a alegria e a esperança num futuro renovado.

***A guerra civil na Galiza a través dos ollos dos habitantes doutra marxe do Miño, Natalia Jorge, Universidade de Santiago de Compostela.***

Nos últimos anos a historiografía tense adentrado en parcelas do coñecemento inexploradas até entón, ou nalgúns casos atendidas só por outras disciplinas como a antropoloxía ou a socioloxía. Un deses campos de traballo ten sido a memoria e o seu uso ao longo do tempo como parte sustancial do discurso colectivo. A memoria e os seus usos teñen transcendido na última década, abandoando o seu carácter anecdótico para ser un obxecto de estudo por sí mesmo. O feito de ser estudada e de ser empregada como mecanismo de coñecemento, ten permitido profundizar sobre aspectos do pasado oscurecidos pola falta de fontes tradicionais. Son aspectos como actitudes perante conflitos bélicos, vida cotiá baixo réximes ditatoriais, relacións sociais e económicas fora da lei como contrabando e mercados negros, ... A nosa proposta toma como punto de partida o uso da memoria dos habitantes de Vila Nova de Cerveira (Portugal) a través da que construiremos a percepción da guerra civil española que se vivía na localidade doutro lado do río Miño (Tomiño, Galiza).

***Mas eles Conceição vão lambar as botas comer à mão: experiências prisionais das funcionárias clandestinas do PCP, Vanessa de Almeida, IHC.***

Na época presente em que se discute a retoma do recurso à tortura como método legítimo na “luta contra o terrorismo”, eleito como a “grande heresia” do século XXI, propomos uma reflexão sobre a experiência de prisão e tortura no feminino, com base nas memórias de antigas funcionárias clandestinas do PCP, considerando a prisão como rito de passagem a um estado de legalidade forçado e a tortura como método de fazer calar e de desculturação, articulando o indivíduo com o colectivo no não-tempo dos interrogatórios.

***Memória operária e ambiguidades de classe no Vale do Ave: algumas pistas para reflexão, Mariana Rei, IHC.***

Esboça-se na presente comunicação uma aproximação às ambiguidades de classe no Vale do Ave a partir de algumas questões que se revelaram transversais a um conjunto de entrevistas de história oral e material de arquivo recolhidos no âmbito de uma investigação anterior, centrada numa secular fábrica têxtil algodoeira do Vale do Ave. Destacam-se, entre outras, as relações de patrocínio, a organização em torno da família (mais do que da classe), a pluriatividade (que combina a agricultura de subsistência com o trabalho na indústria) ou a recorrência dos fenómenos migratórios nas histórias de vida e de família. Espera-se que a aproximação a esta problemática a partir do caso anteriormente estudado possa sustentar a investigação que agora inicio, estimulando novas reflexões sobre um contexto que desafia permanentemente as visões dualistas ou lineares dos fenómenos sociais – campesinato e operariado, classe e família, rural e urbano.

***Cidade e Memória, Maria Alice Samara, IHC.***

Escreveu Italo Calvino, nas suas Cidades Invisíveis, que a cidade é feita “das relações entre as medidas do seu espaço e os acontecimentos do seu passado” (Calvino, 1994:14). Ler Lisboa também pode ser um exercício que articula as suas medidas e o seus passados. A cidade transforma-se num lugar denso, feito de múltiplas camadas, com diferentes significados políticos, culturais e sociais. E assim que o espaço se torna lugar, surpreendemos a sua complexidade, resgatando invisibilidades. O objectivo central desta comunicação é a análise do Terreiro do Paço (Lisboa) no século XX, vendo-o como lugar de afronta mas também do consenso, como, simultaneamente, lugar do poder (monumental e simbólico) e da resistência e da revolução.

***Património(s) em disputa: Uma reflexão desde o terreno sobre a revalorização do passado fadista do bairro da Mouraria, Iñigo Sánchez, INET-md.***

A recente requalificação urbana do bairro lisboeta da Mouraria assentou-se, entre outros pilares, na revalorização do fado como “marca identitária incontornável” desta zona central da cidade. Desde então tem-se multiplicado as iniciativas de tudo tipo para trazer o fado “de volta ao seu berço”, segundo a retórica oficial, sendo a principal a recuperação do edifício onde se diz ter vivido Maria Severa, mito fundacional deste género da música popular portuguesa, e que acolhe agora a primeira casa de fados em abrir as suas portas no bairro em décadas. A tentativa de dignificar a figura da Severa, e através dela a imagem do bairro, chocou no início deste processo com uma antiga aspiração dos habitantes da

Mouraria de ver reconhecida outra figura emblemática do bairro e do fado: a figura do fadista Fernando Mauricio, conhecido como o rei “sem coroa” do fado castiço. Partindo de uma longa experiência de trabalho de terreno engajado com os habitantes da Mouraria, e tomando o “revival” do fado na Mouraria como estudo de caso, esta comunicação pretende refletir precisamente sobre esta ambiguidade dos objetos patrimoniais nos processos de requalificação urbana, sendo simultaneamente moedas de troca no contexto atual da crescente mercadurização dos espaços urbanos na lógica das “cidade-marca” e veículos para a consolidação de redes afetivas e sentidos de pertença para as comunidades que ainda resistem nos bairros históricos de Lisboa.

### ***O futuro à espreita ou os territórios urgentes para uma prática social, João Carlos Louçã, IHC.***

Existe no Porto, cidade do norte de Portugal, uma rede de produtores e consumidores de bens e serviços comunitários. Estes indivíduos organizam-se na troca de experiências e na construção de realidades profissionais que se situam geralmente fora dos circuitos da economia formal, marcados pelo contexto do desemprego crescente e pela falta de perspectivas de vida e futuro. No Pirinéus do Alto Aragão, há experiências de vida comunitária já com quase 4 décadas, na ocupação de aldeias abandonadas no século passado. Estas duas realidades tão diferentes, junta-as a utopia emancipadora da construção coletiva de alternativas de vida na construção de um mundo sem desigualdades, projetado sobre futuros possíveis em diferentes escalas. Serão pioneiros dos tempos modernos, determinados a enfrentar as dificuldades económicas ditadas pelo capitalismo neo-liberal, ou continuadores de experiências do passado que reinterpretam o mundo com os instrumentos de conhecimento actuais?

### ***Experiência, expectativa e práticas possíveis: entre o passado e o futuro, Paula Godinho, IHC.***

O objetivo principal desta comunicação é interrogar as práticas possíveis, a partir das quais os seres humanos delinham futuros, em situações de mudança, através da articulação investigações e de leituras sobre vários terrenos, com um conjunto de ferramentas teóricas. Essas práticas possíveis não obedecem a um padrão, porque estão dependentes do momento, da correlação de forças em campos sociais elásticos, de encadeamentos de escalas diversas e da relação entre a experiência e a expectativa dos agentes sociais. Contudo, abrem possibilidades para continuar, em instantes empolgantes, em rotinas necessárias, ou em fugas imperativas. Essas experiências exequíveis distinguem-se do que sobrevém – embora tenham um lado inefável e imprevisível –, porque são o resultado de vontades e conjunturas, requerendo agentes sociais concretos. Procuo olhar para momentos de mudança da vida individual e coletiva através de duas categorias conceptuais sugeridas por Reinhart Koselleck: o espaço da experiência e o horizonte da expectativa (Koselleck, 1983), que ajudam a fundamentar a possibilidade de uma história, que não existe fora ou além das experiências e das esperanças das pessoas que agem ou consentem. Embora não cheguem a coincidir, o nível do vivido salta por cima dos tempos, adequando os usos possíveis, entre o que passou e o que virá, o irreversível e o que pode ser estrategicamente manipulado.

## ***Reconfigurações das redes sociais translocais ao longo das trajetórias migratórias, João Baía, ICS-UL.***

A partir do trabalho de campo realizado, procurar-se-á discutir a importância que as diferentes redes sociais translocais foram assumindo ao longo das trajetórias migratórias. As entrevistas semi-directivas efectuadas permitiram perceber que durante o processo migratório existem umas redes sociais translocais que se mantêm e fortalecem e outras que se alteram com o tempo, nomeadamente as relações transfronteiriças. As migrações internas e internacionais efectuadas das aldeias de um lado e do outro da fronteira para uma aldeia ou cidade dentro ou fora do país, mais as mudanças intensas no sistema de produção agrícola, o envelhecimento da população e a melhoria das vias de comunicação provocaram alterações significativas nos quotidianos dos moradores da aldeia de Montesinho, situada a norte no concelho de Bragança, cuja maioria retornou à aldeia depois de se ter ausentado para diferentes destinos migratórios (Lisboa, Hamburgo, Montluçon, Paris).

## ***Resgatar a democracia? A emergência e declínio de novas redes de protesto em Portugal, Alexandre Costa.***

Entre 12 de março de 2011 e 2 de março de 2013 decorreram em Portugal as maiores manifestações do pós 25 de Abril, num período em que foram implementadas medidas de resgate económico que colocaram em causa as garantias do Estado do Social de um país semiperiférico. A internet e o Facebook permitiram abrir um novo campo de mobilização autónomo aos partidos políticos e sindicatos, indo ao encontro de um sentimento de descontentamento face às estruturas tradicionais. Um campo que seria acesamente disputado por ativistas. Geração à Rasca, Plataforma 15 de Outubro e Que Se Lixe A Troika emergiram e experimentaram novos repertórios no contexto das novas redes. Apesar de surgida dentro do capitalismo neoliberal global, a crise foi sentida com diferentes modos e intensidades nos diferentes países, levando a que anteriores dinâmicas transnacionais, como as do Fórum Social Mundial, se virassem agora para as lutas específicas dos respetivos Estados-Nação. Espanha, Grécia e Estados Unidos foram outras democracias ocidentais que conheceram grandes protestos, que se prolongaram pelas “acampadas” com grande impacto junto das populações. No caso português, a larga adesão aos protestos ficará contudo circunscrita aos momentos pontuais de manifestações, que acabariam por se aproximar das estruturas políticas tradicionais, através de múltiplas pertenças e de laços de fraca densidade, que viriam a revelar-se efémeros.

## **Filme: “Nós, operárias da Sogantal”, de Nadejda Tilhou.**

Portugal, 1974. Após o golpe de Estado do 25 de Abril, as 48 operárias da Sogantal ocupam as instalações da fábrica, exigindo melhores condições laborais. O patrão, de nacionalidade francesa, foge para o seu país. A luta da Sogantal torna-se rapidamente um emblema da revolução portuguesa. Trinta anos depois, é uma história esquecida.

---

**Coordenação** - Dulce Simões, Maria Alice Samara e Paula Godinho

**Apoio à organização** - Linha de investigação História e Memória:  
Memórias Coletivas, História do Presente e História Oral (IHC).

